



O AUMENTO NOS ÍNDICES DE CASOS DE DENGUE NO RIO GRANDE DO SUL

Nycolle Corrêa Durand¹
Pedro Elias Pinto Guterres²

Instituição: Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Padilha

Modalidade: Relato de Pesquisa

Eixo Temático: Vida, Saúde e Ambiente

1- Introdução

A dengue é uma doença que vem tomando proporções significativas nos últimos anos, deixando inúmeras vítimas fatais na população gaúcha. A presente pesquisa aborda a explosão de casos de dengue no estado do Rio Grande do Sul. O presente trabalho tem como objetivo investigar e relacionar os altos índices de casos de dengue com as enchentes na região noroeste do estado no ano de 2024, e também sensibilizar a população sobre a contribuição de cada um na prevenção da dengue nos dias atuais.

Segundo dados do Centro Estadual de Vigilância da Saúde juntamente com o G1 (Jornal da Globo), o Rio Grande do Sul superou em 60% a soma das mortes por dengue em toda a série histórica (de 2015 a 2023), são 225 óbitos pela doença, enquanto no total dos anos anteriores foi 140. No ano passado 2023, foram 54 vítimas, o que a comparação com o primeiro semestre de 2024 representa um aumento superior a quatro vezes, a maior parte das vítimas tinha alguma doença pré-existente, a comorbidade mais frequente é a hipertensão, além disso, também tem a diabetes, cardiopatia, doença pulmonar obstrutiva crônica e as pessoas sem comorbidades. Em 2024 as cidades do Rio Grande do Sul com mais óbitos foram São Leopoldo, Novo Hamburgo, Santa Rosa, Tenente Portela e Três de Maio.

¹ Nycolle Corrêa Durand, Aluna da E.E.E. M. Antônio Padilha, nycollecorrea06@gmail.com

² Pedro Elias Pinto Guterres, Profº da E.E.E. M. Antônio Padilha, pedro-epguterres@educar.rs.gov.br



A melhor e única forma atual de combater a dengue é a prevenção, através do combate vetor ao *Aedes Aegypti* (a picada desse mosquito é a única forma de transmissão da doença), pois não há vacinas eficazes ou medicamentos específicos. Abordar tal doença é de suma importância, pois houve um aumento significativo no registro de casos no estado.

2-Caminho metodológico:

A presente pesquisa foi desenvolvida durante as aulas da disciplina Projeto Investigo do Itinerário da Saúde, com orientação do professor regente da disciplina, nos espaços da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Padilha. A pesquisa foi realizada por uma dupla de estudantes do 3º ano do ensino médio, onde buscou analisar o crescimento de casos de dengue nos últimos anos no estado do Rio Grande do Sul.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa bibliográfica desenvolvida pelas alunas da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Padilha que será para conscientizar a população sobre o aumento de casos da dengue. A dengue explodiu após as grandes enchentes no RS que duraram mais de 2 semanas, as mesmas que causaram mais de 160 óbitos de animais e humanos. Após as perigosas águas de várias cidades do estado se unirem com o esgoto, as doenças vindas da água aumentaram, assim, contaminando a população, além da dengue também houve vários casos de leptospirose pelo motivo de urina de ratos na água e parasitoses intestinais, essas doenças e outras, em casos graves pode perder a vida. Essa pesquisa será aplicada pelas alunas Nycolle Durand e Rafaela Gomes, com relatos de pessoas contaminadas com a dengue, seus sintomas e tratamentos.

3- Resultados e Discussões:

Para Gubler, 1997, o aumento exorbitante da produção de veículos automotores tem gerado fatores de risco para proliferação, criadouros preferenciais dos mosquitos vetores, por meio de um destino inadequado de pneus usados, e para a disseminação passiva destes transmissores, sob a forma de ovos ou larvas, em recipientes contendo água, como vasos de flores, plantas aquáticas e outros.

Para Pedro, 1923; Osanai et al., 1983, durante quase 60 anos, de 1923 a 1982, o Brasil não apresentou registro de casos de dengue em seu território. Porém, desde 1976, o *Aedes aegypti* havia sido reintroduzido no país, a partir de Salvador, Bahia, e estava presente em muitos países vizinhos. Países da América Central, México, Venezuela, Colômbia, Suriname e alguns outros do Caribe já



vinham apresentando a doença desde os anos 70.

A dengue é uma doença febril aguda, cujo agente etiológico é um vírus do gênero Flavivírus. São conhecidos atualmente quatro sorotipos, antigenicamente distintos: DEN-1, DEN-2, DEN-3 e DEN-4. Clinicamente, as manifestações variam de uma síndrome viral, inespecífica e benigna, até um quadro grave e fatal de doença hemorrágica com choque. São fatores de risco para casos graves: a cepa do sorotipo do vírus infectante, o estado imunitário e genético do paciente, a concomitância com outras doenças e a infecção prévia por outro sorotipo viral da doença (Figueiredo & Fonseca, 1966; Pinheiro & Travassos-da-Rosa, 1996).

A dengue é uma arbovirose transmitida ao homem pela picada do mosquito *Aedes aegypti*. Recentemente foi encontrado, pela primeira vez na América, o *Aedes albopictus*, naturalmente infectado com o vírus do dengue, durante um surto da doença no México (Ibanez-Bernal et al., 1997).

Esta espécie já havia sido reconhecida como vetor secundário na Ásia. O *Aedes aegypti* é um mosquito de hábitos domésticos, que pica durante o dia e tem preferência acentuada por sangue humano. Já o *Aedes albopictus* apresenta uma valência ecológica maior, dificilmente entra nas casas, podendo ser também encontrado em áreas rurais e de capoeiras, e não apresenta uma antropofilia tão acentuada quanto o *Aedes aegypti*.

A partir de 2023 é possível perceber um alto índice de casos de dengue no Rio Grande do Sul, só neste ano o total de casos foi de 1.658.816, assim causando mais óbitos, o que foi destacado pela Ministra da Saúde Nísia Trindade, de acordo com o Informe semanal das Arboviroses Urbanas do Ministério da Saúde, entre as semanas epidemiológicas 1 a 3 deste ano foram registrados 120.874 casos prováveis e 12 óbitos por dengue. Apesar de a faixa etária mais afetada em 2024 ser de 20 a 60 anos, os casos mais graves estão concentrados principalmente acima de 70 anos.

De acordo com os dados no Painel de Casos de Dengue no RS em 2023 informa que as notificações de dengue são 73.499 casos, os confirmados são de 38.745 casos, descartados são de 34.579 casos, e já os municípios infestados são mais de 466 só no Rio Grande do Sul.

O gráfico abaixo mostra os confirmados por faixa etária no ano de 2023

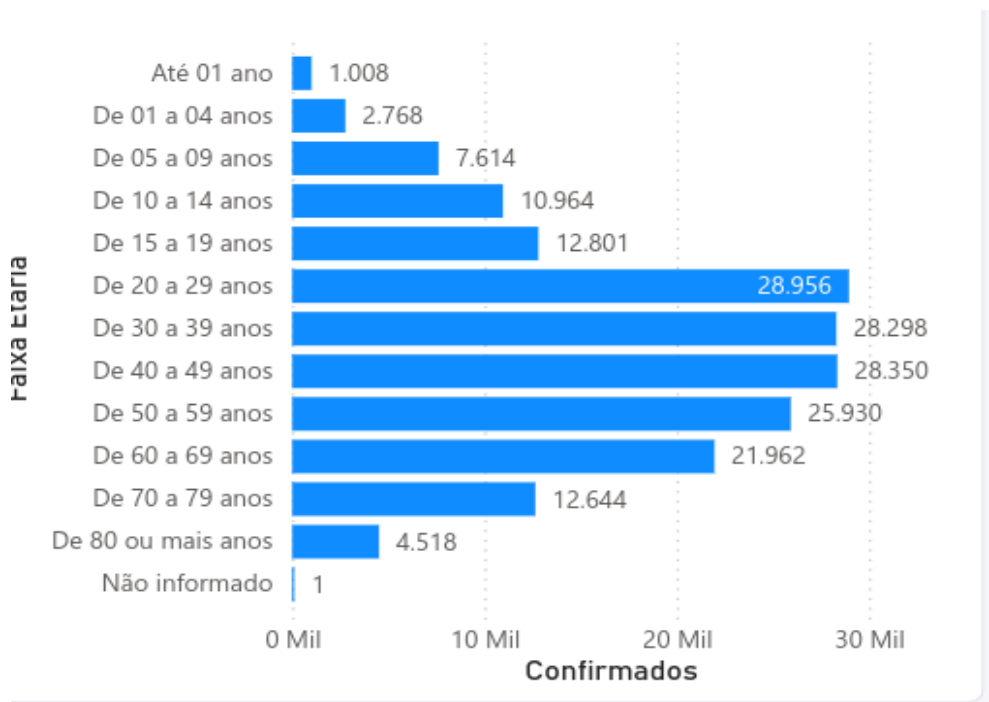


Gráfico coletado no Painel de Casos de Dengue no Rio Grande do Sul <https://saude.rs.gov.br>

Já em 2024 as notificações de dengue são 273,254 casos, os confirmados são de 185.814 casos, descartados são de 77.032 casos, e já os municípios infestados são mais de 470 só no Rio Grande do Sul.

A dengue explodiu após as grandes enchentes no RS que duraram mais de 2 semanas, as mesmas que causaram muitos óbitos de animais e humanos. A Secretaria Estadual de Saúde informou que, até segunda-feira (13/05), o Rio Grande do Sul tinha 116.517 confirmados de dengue, 38.463 descartados e 31.931 ainda em investigação. O número de óbitos confirmados pela doença era de 138. "Antes das inundações, o estado ainda estava em elevação de casos com tendência à estabilização, a pasta se diz atenta a novos casos, que poderão surgir após a água das enchentes baixar e os criadouros com água parada virem à tona", completou.

O cenário de enchentes no RS levou a uma série de problemas que facilitaram a disseminação do vírus. Áreas alagadas e o acúmulo de água em depósitos improvisados contribuíram para a multiplicação do mosquito. A destruição de infraestrutura e o deslocamento de



comunidades também dificultaram as campanhas de controle e prevenção, tornando a erradicação dos focos de mosquito mais desafiadora.

Em 2024, o aumento dos casos de dengue se tornou ainda mais evidente. As condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento do mosquito persistiram, e as enchentes anteriores continuaram a ter efeitos duradouros. As autoridades de saúde pública intensificaram esforços para conter a epidemia, incluindo campanhas de conscientização sobre a importância da eliminação de focos de água parada, a realização de mutirões de limpeza e a distribuição de inseticidas.

4. Conclusão

A situação destacou a necessidade urgente de uma abordagem integrada para o controle da dengue, que não apenas se concentre no combate ao mosquito, mas também em medidas de prevenção e educação. Além disso, a resposta a emergências climáticas e a gestão de desastres devem ser sincronizadas com estratégias de controle de doenças para minimizar o impacto de futuros surtos. Portanto, a dengue em 2023 e 2024 demonstrou a complexa relação entre mudanças climáticas, desastres naturais e saúde pública, sublinhando a importância de uma abordagem multifacetada e proativa para enfrentar essa doença e proteger a saúde das populações vulneráveis. Para enfrentar de forma eficaz a dengue e outras doenças similares no futuro, é crucial adotar uma visão abrangente que considere a complexidade das interações entre fatores ambientais e sociais. Somente com uma abordagem colaborativa e multidisciplinar será possível proteger a saúde das comunidades e mitigar os impactos de desastres naturais e epidemias em um mundo cada vez mais interconectado e vulnerável.

5. Referências

GUBLER, D. J., 1997. Dengue and dengue hemorrhagic fever: Its history and resurgence as a global health problem. In: *Dengue and Dengue and Hemorrhagic Fever* (D. J. Gubler & G.Kuno, eds.), pp. 1-22, New York: CAB International.

PEDRO, A., 1923. A dengue em Nictheroy. *Brazil Médico*, 1:173-177.

Painel de Casos de Dengue no Rio Grande do Sul <https://saude.rs.gov.br>